



APÊNDICES I E II

Erwin Panofsky



Claudione Fernandes de Medeiros . Gabriela de Oliveira Cancillier
Karenina Cardoso Matos . Pedro Cancela da Fonseca



Imagem 1: Marsilio Ficino
(Florença, 1433 - 1499).

Filósofo italiano, é o maior representante do Humanismo florentino.

Juntamente com Giovanni Pico della Mirandola, está na origem dos grandes sistemas de pensamento renascentistas e da filosofia do século XVII. Traduziu obras de Platão e difundiu suas idéias.

Em 1469 Ficino comentou alguns capítulos do “*Banquete*” (simpósio de diálogos sobre o amor, escrito por volta de 380 a.C por Platão).

Que a beleza é algo de espiritual - Capítulo III

Ficino faz o discernimento do conceito de beleza, segundo Platão, que defende que a **beleza do corpo não está em cada membro separadamente mas na sua reunião como um todo** e que portanto nenhum membro em si será belo embora a proporção da totalidade do conjunto nasça das partes.

Que a beleza é o esplendor da face de Deus - Capítulo IV

Beleza originária de um raio divino, imanente no Universo que manifesta a ordem da totalidade, hierarquicamente, através dos: anjos, almas e corpos. Atuando como espelhos da “Face de Deus” irradiando a sua luz quanto mais pura quanto a sua proximidade da fonte.

Anjo: reflete com **clareza** a beleza manifestando a graça da face divina, e o amor através da afeição com que se confunde com ela.

Alma: reflete a beleza de forma **menos clara**, pois é sobre-carregada com a tarefa de atender às necessidades do corpo e tende a esquecer a luz contida em si. Podem haver exceções quando a razão desperta no corpo.

Corpo: o mais afastado de todos reflete, de forma **bastante obscura**, essa luz.

Que a beleza é o esplendor da face de Deus - Capítulo IV

Segundo Platão a manifestação do esplendor e graça dessa “Face” no Anjo, Alma e Matéria, devem ser chamados de Beleza universal, e o “apetite” que a ela se dirige de Amor universal.

- A **beleza** será então **incorpórea**. As formas manifestam a luz divina, assim como o olho físico vê a luz do Sol “pintada” com as cores e formas dos corpos que encontra. **A ordem do Mundo torna-se visível através da luz apreendida pelos olhos**, que é necessariamente separada da matéria, sem corpo.

- A **luz é incorpórea**, segundo Platão, ela só seria um corpo se alterada em contato com outros corpos e se deslocasse-se vinculadamente ao tempo. **A luz é espiritual e recebe espiritualmente as cores e as figuras dos corpos**, sendo espiritualmente recebida pelos olhos.

Ficino conclui com base em Platão que o ornamento deste Mundo é o terceiro rosto de Deus, oferecido aos olhos pela luz incorpórea do Sol.

Como nascem o Amor e o Ódio e de que maneira o que constitui a beleza é de essência espiritual - Capítulo V

- A **Beleza Universal** é segundo Platão, **incorpórea** não só no anjo e na alma mas **também no olhar dos olhos**. Comovidos pela admiração **amamos não somente a totalidade do rosto mas também as suas partes**, esse é o momento onde nasce o Amor particular de uma Beleza particular.
- Desse modo, segundo Platão, **a afeição que temos por um ser humano**, enquanto elemento da ordem mundana (matéria) **é tanto maior, quanto maior for o brilho da centelha da beleza divina em si**.
- **Duas causas** para esse fenômeno, segundo Platão:
 - Porque a **imagem do rosto paterno nos agrada**;
 - Porque a **aparência e figura do Homem bem proporcionado está intimamente ligada com a proporção verdadeira da forma humana**, que a alma recebe e conserva em si, do autor do Todo.

Como nascem o Amor e o Ódio e de que maneira o que constitui a beleza é de essência espiritual - Capítulo V

Deste modo:

Quando os sentidos captam a imagem de um ser humano, introduzem-na na alma, e se esta não se ajustar à figura do Homem original que a alma possui, o resultado é o desagrado e o sentimento de falta de beleza, gerando o ódio;

Pelo contrário se essa imagem se ajusta ao modelo, surge o sentimento de beleza que desperta o amor. Segundo Platão, esse é o motivo pelo qual gostamos imediatamente, ou não, de uma pessoa, embora não compreenda a motivo pois o Homem mundano não corresponde à sua imagem verdadeira, porque a matéria é degenerada e o que existe de mais afastado de Deus.

Ficino conclui que o Homem será mais semelhante à sua figura completa quanto melhor **disposta estiver a sua matéria**. Quanto mais semelhante for mais se harmoniza com a força divina, angelical e com a razão e marca que se encontram na alma. A beleza consiste na conformidade com que a alma aprova essa harmonia.

Como nascem o Amor e o Ódio e de que maneira o que constitui a beleza é de essência espiritual - Capítulo V

- Para Platão **ideia e razão são separadas da matéria do corpo**, pelo que a sua **composição e semelhança** é julgada por alguma outra **parte incorpórea**, o **grau de semelhança com a sua imagem verdadeira confere ao corpo a beleza**, de onde resulta que o corpo e a beleza são dissociados.
- Platão compara a **relação entre a forma do corpo e a forma e razão do anjo e da alma**, dando o **exemplo da construção do arquiteto**, de início este concebe na sua alma a razão e ideia do edifício, em seguida constrói, dentro das possibilidades, tal como concebeu no espírito. A casa será o “corpo” feito de acordo com uma ideia incorpórea, essa semelhança deve-se a uma ordem incorpórea e não à matéria em si.

Quantas partes contribuem para fazer uma coisa bela, e o quanto a beleza é um dom espiritual - Capítulo VI

- A beleza do corpo é a **atitude**, **vivacidade** e **graça** que brilha em si, sob influência da sua ideia.

Essa beleza “desce” à matéria após um prévio preparo de:

Ordem: a distância entre as partes;

Modo: a quantidade;

Espécie ou aparência: as linhas e as cores;

- Cada membro precisa **estar no seu lugar natural** (ordem), **na proporção certa** de acordo com o todo (modo), e por último **a aparência é necessária para que os traços das linhas e o esplendor dos olhos enfeitem a ordem e o modo das partes.**

- Embora estas três coisas estejam na matéria, elas não são outra parte do corpo. **A ordem dos membros não é outro membro** porque ela está em todos os membros e **nenhum membro se encontra em todos eles.**

Quantas partes contribuem para fazer uma coisa bela, e o quanto a beleza é um dom espiritual - Capítulo VI

A ordem não é senão uma distância harmoniosa entre as partes, o modo não é a quantidade mas sim o seu limite, e a aparência também não reside na matéria mas na concordância de luzes, sons.

- A beleza está portanto afastada da matéria e só comunicará com ela se for devidamente disposta pelos três preparos prévios abordadas, e estes são constituídos pelo equilíbrio dos quatro elementos (fogo, ar, água e terra).

Ficino conclui que a beleza é uma certa graça vivaz e espiritual, que através do raio divino se infunde primeiro nos anjos, depois nas almas dos homens e por fim nas suas figuras e vozes corporais comovendo a nossa alma através da visão e audição que pelo seu encanto nos arrebatam inflamando-nos de amor.

Gian Paolo Lomazzo foi um pintor italiano que pertenceu a segunda geração do Maneirismo na arte e na arquitetura italiana.

Nasceu em Milão e foi com a família para Lomazzo.



Imagem 2: G.P. Lomazzo (1538 – 1592).

Do modo de conhecer e de construir as proporções conforme a beleza - Capítulo XXVI

- Exposição racional de todas as partes da arte:

PROPORÇÃO

- É uma mesma e única coisa;
- Há vários modos de conhecê-la e estabelecê-la tendo em vista a natureza da beleza que possibilita às pinturas  representar o verdadeiro que se vê nos corpos.

Do modo de conhecer e de construir as proporções conforme a beleza - Capítulo XXVI

- Para retomar o que dizem os platônicos no que concerne à beleza da alma em relação ao equilíbrio do corpo:

E devemos antes de mais nada saber que a beleza nada mais é do que uma certa graça, viva e espiritual, que se infunde pela luz divina primeiramente nos Anjos, nos quais se vêem as figuras de qualquer esfera, neles chamadas de modelos e ideias; depois ela penetra nas almas, onde as figuras chamam-se razões e noções, e por fim na matéria, onde são chamadas de imagens e formas.

- A beleza do corpo não é senão uma atitude cheia de vivacidade e de graça que brilha nele sob o influxo de sua ideia, que só desce à matéria se esta foi previamente preparada. E essa preparação do corpo vivo opera-se de acordo com três coisas: **ORDEM, MODO E APARÊNCIA.**
- A **ordem** é a diferença das partes;
- A **aparência**, as linhas e as cores.
- O **modo** é a quantidade delas;

Do modo de conhecer e de construir as proporções conforme a beleza - Capítulo XXVI

- A igualdade das distâncias que pertence à **ordem**, não seria suficiente se não lhe acrescentássemos o **modo** das partes, que atribui a cada membro o tamanho que lhe corresponde, levando-se em conta a **proporção** do conjunto do corpo, além disso a **aparência** é também necessária para que os traços artificiais das linhas e o esplendor dos olhos ou cor enfeitem a **ordem** e o **modo** das partes. Embora essas três coisas estejam na matéria, elas não podem constituir uma parte do corpo.
- A beleza está tão afastada da matéria corpórea que só poderá descer a ela se a matéria for disposta de acordo com as três preparações mencionadas.

Do modo de conhecer e de construir as proporções conforme a beleza - Capítulo XXVI

- Quanto ao equilíbrio dos corpos, ele provém das qualidades pelas quais todos os nossos corpos são dessemelhantes entre si, segundo a maior ou menor mistura dessas qualidades. Mas só pode haver **quatro modos de dessemelhança conforme o número de elementos e a força de suas qualidades:**



O FOGO: quente e seco; o quente dilata e o seco fortifica. Os corpos marcianos têm membros grandes, desenvolvidos, fortes e peludos.



O AR: úmido e toma o calor do fogo; dilata menos que a umidade aumenta e amolece. Os corpos jupiterianos têm membros menores do que os corpos marcianos, porém equilibrados, delicados ao tato e salientes.

Do modo de conhecer e de construir as proporções conforme a beleza - Capítulo XXVI



A ÁGUA: corresponde ao frio e participa da umidade do ar; como o frio, é adstringente e endurece enquanto a umidade amolece. Os corpos lunares são menores que os jupiterianos, e desproporcionados, duros e fracos.



A TERRA: é de natureza seca sob a influência do fogo, e fria sob a influência da água. Como o seco e o frio são rudes, os corpos saturninos são muito mais rudes que os marcianos, e com membros estreitos e côncavos.

- É dessas quatro qualidades que nascem todas as outras figuras, como as solares.
- Vemos assim que a beleza depende dessas qualidades ativas e passivas: e ela deve ser expressa na obra com as proporções e membros que são os da imagem natural da alma.

Do modo de conhecer e de construir as proporções conforme a beleza - Capítulo XXVI

- Mas essas qualidades podem ser desvirtuadas, e quando a beleza desagradar, a causa só poderá ser o fato de que tais qualidades são contrariadas.

Segue-se que num grupo de quatro ou seis homens ou mulheres, um ou uma irá agradar mais a outro ou outra, e um amará mais aquele ou aquela que outro irá detestar. Isso é ainda mais evidente nas artes, pois é possível odiar uma arte que outra ama, donde a verdade de que todas as naturezas recobrem todas as artes.

- Nada ilustra melhor tal afirmação que o julgamento ou o gosto que se tem da beleza, pois se uma mulher é mesmo bela, ela não agradará da mesma forma a todos os homens. Uns a amarão pelos seus olhos, outros pela sua graça, por exemplo.

Do modo de conhecer e de construir as proporções conforme a beleza - Capítulo XXVI

- E assim sucede com todos os corpos, dos quais uma parte pode agradar e ser considerada bela e outra desagradar e ser considerada horrível.
- Por isso é preciso considerar atentamente todas essas coisas para poder dar as justas proporções à natureza e às atitudes dos corpos a fim de que estes sejam totalmente agradáveis ou desagradáveis.
- Dando assim a cada corpo as propriedades correspondentes à sua natureza e à sua arte, poderemos fazer surgir o prazer associado à beleza.

Do modo de conhecer e de construir as proporções conforme a beleza - Capítulo XXVI

Diante de um retrato confrontado o seu modelo vivo, muitos são os que o julgarão de numerosas formas, conforme a natureza de seu olhar. Um julgará a cor do retrato semelhante a do modelo vivo, outro a julgará mais branca, mais amarela, mais vermelha ou mais escura.

- Isso se deve ao fato de que a luz não brilha no retrato pintado do mesmo modo que no modelo vivo, e os raios que partem dos olhos só podem seguir sua própria natureza ou qualidade; mas a matéria não deve brilhar no espírito, do qual é preciso aproximar-se o máximo possível.
- O artista deve se preocupar mais com a razão do que com o prazer particular de cada um, porque a obra deve ser universal e perfeita, e se proceder de outro modo trabalhará em vão.

Do modo de conhecer e de construir as proporções conforme a beleza - Capítulo XXVI

- Não há verdadeira beleza senão aquela apreciada pela razão e não por essas duas janelas corporais. Ninguém pode duvidar de que a beleza se encontra nos Anjos, nas almas e nos corpos, e de que o olho não pode ver sem luz...

Se a ordem do mundo é incorporada em nossos olhos e não em nossos corpos, a beleza será tanto mais manifesta quanto mais se assemelhar, na matéria bem disposta, à verdadeira figura infundida no Anjo e na alma pelo raio divino. E, quando a matéria está em harmonia com a força de Deus e a Ideia do Anjo, ela também se harmoniza com a razão e a marca que se encontra na alma, e é nessa conveniência harmoniosa que consiste a beleza, a qual, conforme a matéria esteja mais ou menos disposta, resplandece em graus diversos.



Imagem 3: Gio Pietro Bellori
(Roma, 1613 - 1696).

Gio Pietro Bellori

Biógrafo e teórico da arte italiana;

Em 1664 pronunciou um influente discurso na Academia intitulado *O Ideal em Arte*, publicado em 1672. Como prefácio de suas biografias de artistas de sua época, a que chamou *Le vite de' pittori, scultori et architetti moderni* (As vidas dos pintores, escultores e arquitetos modernos).

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

“Essa suprema e eterna inteligência, autora da natureza e de suas obras maravilhosas, ao olhar profundo para si mesma, criou as primeiras formas chamadas IDEIAS, de modo que cada espécie foi expressa a partir dessa IDEIA primeira, e assim se formou o tecido das coisas criadas”.

Mundo ideal x Mundo material

CORPOS CELESTES

- Que estão acima da Lua;
- **Não** estão sujeitos à **mudança**;
- Permanecerão **eternamente belos**, e **ordenados**, tal como podemos sempre vê-los na harmonia de suas esferas e no esplendor de sua aparência.

CORPOS SUBLUNARES

- Que estão entre a terra e a órbita da Lua;
- **Estão** sujeitos à **mudança e à feiúra**;
- Ainda que a Natureza tenda sempre a produzir efeitos excelentes, por causa da desigualdade da matéria, as forma se alteram, e particularmente a beleza humana, como podemos ver nas múltiplas deformidades e desproporções que estão em nós.

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

Pintor e Escultor

A IDEIA do Pintor e do Escultor é esse modelo perfeito e excelente no espírito, ao qual se assemelham as coisas que estão diante dos nossos olhos porque imitam sua forma imaginada.

Ideia

Assim a IDEIA constitui a perfeição da beleza natural e une a verdade à verossimilhança das coisas que estão sob nossos olhos, e aspira sempre ao melhor e ao maravilhoso, rivalizando e ultrapassando até mesmo a natureza, pois suas obras são belas e realizadas a um ponto que a natureza nunca atinge.

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

Proclo no Timeu afirma: “ Se compararmos um homem natural a um homem produzido pela arte da estatuária, o homem natural terá menos imponência, porque a arte opera com mais precisão”.

É também o que concedia Parrásio a Sócrates ao dizer que o Pintor, propondo-se em cada forma a beleza natural, deveria tomar em diferentes corpos o que cada um tivesse de mais perfeito, pois era difícil encontrar um só que reunisse todas as perfeições.



Imagem 4: O rapto de Helena (1631). Por Guido Reni (1575- 1642)

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

Condenação e Censura aos pintores e escultores que em suas obras imitavam ou reproduziam os homens ao natural e às mais horríveis criaturas.

Ao contrário, a natureza é tão inferior à arte que os Artistas imitadores cegos dos corpos, desdenhosos da Ideia, foram reprovados: **censurou-se Demetrius por ser demasiado natural, censurou-se Dionísio por ter pintado os homens à nossa semelhança**, e por isso ele foi cognominado pintor de homens. **Páusias e Pirrêico** foram condenados por terem **imitados os mais vis e horríveis homens naturais**.

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

Reprodução da beleza além das coisas visíveis

Leone Battista Alberti (1404-1472)

“ É preciso amar em todas as coisas não apenas a semelhança, mas sobretudo a beleza, e [...] esta deve ser obtida das mais belas partes dos corpos mais belos”.

Leonardo da Vinci (1452-1519)

“ Aconselha o Pintor a formar-se essa Ideia, a olhar bem o que vê e debater interiormente, a fim de escolher as partes mais excelentes de todas as coisas”.



Imagem 5: Batismo de Jesus (1470-1480) por Leonardo da Vinci (1452-1519).

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

Rafael (1483-1520)

“ Para pintar uma bela, eu precisaria ver várias, mas, como não há muitas mulheres belas, servi-me de uma certa ideia que tinha em espírito” (RAFAEL apud, p. 147).

Guido Reni (1575-1642)

“ Gostaria de ter tido um pincel angélico ou modelos edêmicos para formar o Arcanjo e vê-lo no céu, mas não pude subir tão alto, e procurei-o em vão na terra. Assim olhei para a forma que eu havia fixado na Ideia” (GUIDO apud, p. 147).



Imagem 6: São Miguel Arcanjo,
Guido Reni - Cerca de 1636.

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

CASTELVETRO (sec XVI)
Literário e poeta trágico

- Afirma que a essência da pintura não é formar uma imagem bela e perfeita que produzimos na ideia, mas sim uma imagem mais semelhante ao natural.
- Não se deve acrescentar beleza e nem corrigir as deformidades naturais.

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

BELEZA – Diversas formas correspondem a diversas belezas



Imagem 7: Jupiter Smyrna, Louvre.
Cerca de 250 ac



Imagem 8: O Nascimento de Vênus
(recorte), de Bouguereau, 1879.



Imagem 9: Diane de Versailles , Louvre.
100 a 200 dc.

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

- A pintura é a representação da ação humana;
- O pintor tem consigo retido o modelo ligado à estas ações;
- É impossível que o artista reproduza com a mão a partir do natural, se não os forjou primeiro na imaginação.

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

ARQUITETURA

A própria ARQUITETURA recorre a sua IDEIA perfeita:

FÍLON de Alexandria (10 a.C. a 50 d.C.) – “... que Deus, como todo bom Arquiteto, ao contemplar a ideia e o modelo que se havia proposto, criou o mundo sensível a partir do mundo ideal e inteligível”. (p. 151)

OVÍDIO (poeta romano) – “ Em sua descrição da gruta de Diana, diz que a natureza quis imitar a arte para criá-la”. (p. 52)

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

ARQUITETURA

ARISTÓTELES (384 a 322 a.C.) – “... se a construção de um esplêndido edifício fosse uma coisa natural, de qualquer modo ela seria executada pela Natureza de acordo com as mesmas regras da ARQUITETURA afim de alcançar seu ponto de perfeição”. (p. 152).

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

ARQUITETURA

“Quanto à Arquitetura, afirmamos que o Arquiteto deve conceber e estabelecer em seu pensamento uma Ideia muito nobre que sirva de lei e de razão, e suas invenções devem referir-se à ordem, à disposição, à medida e à eurritmia do todo e das partes”. (p.154)

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

IDEIA DO ARQUITETO – PRECISA SERVIR A LEI E A RAZÃO

Exemplo:

Ordens arquitetônicas – a ideia foi confirmada pelos longos estudos para encontrar os melhores limites e proporções desta arte dos gregos (confirmados ao longo dos séculos).

Muitos deformaram esta ideia, querendo transformá-la por desejo de novidade.

Resultado: com a queda do império romano, caiu também as belas-artes. Os construtores bárbaros desprezam os modelos e ideias gregas (ordens extravagantes).

A ideia do pintor, do escultor e do arquiteto, obtida das belezas naturais e superior à natureza

ARQUITETURA

“E os bons Arquitetos conservam as formas mais elegantes das belezas naturais, aperfeiçoam a Ideia, e suas obras acabam superando a natureza, o que é o maior título de glória dessas artes”. (p.156)

Carracci era uma família de pintores italianos, da segunda metade do século XVI e começo do século XVII, fundadores da Academia de Bolonha, Itália.



Imagem 10:Auto retrato – cerca de 1590
Aníbal Carracci (1560 a 1609).

“...e os artistas, abandonando o estudo da Natureza, viciaram a arte pela maneira, isto é, pela ideia extravagante que se baseia na prática e não na imitação”. (p. 157)

A ARTE ERA COMBATIDA POR DOIS EXTREMOS CONTRÁRIOS:



Submissa
ao natural

ARTE

Submissa
a fantasia

Submissa ao natural

ARTE

Submissa a fantasia

MIGUEL ÂNGELO DE CARAVAGGIO
(1571 – 1610)



Imagem 11: O sacrifício de Isaac, 1590-1604.

GIUSEPPE DE ARPINO
(1568 – 1640)



Imagem 12: *Giove e Antiope*
data não determinada.

Itália

ANÍBAL CARRACCI (1560-1609)
Grande espírito que fez renascer a arte.

- PANOFSKY, Ervin. *Idea: A Evolução do Conceito de Belo*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- Imagem 1: disponível em meio eletrônico: www.iep.utm.edu. Acesso em 03.07.2013
- Imagem 2: Disponível em meio eletrônico: http://en.wikipedia.org/wiki/Gian_Paolo_Lomazzo. Acessado em 04 de julho de 2013.
- Imagem 3: Disponível em meio eletrônico: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bellori.JPG>. Acesso em 01 Julho de 2013.
- Imagem 4: Disponível em meio eletrônico: <http://www.artehistoria.jcyl.es/v2/obras/5270.htm>. Acesso em 01 Julho de 2013.
- Imagem 5: Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Guido_Reni. Acesso em 01 Julho de 2013.

- Imagem 6: Disponível em meio eletrônico: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_\(arcanjo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_(arcanjo)). Acesso em 02 Julho de 2013.
- Imagem 7, 8 e 9: Disponível em meio eletrônico: www.suapesquisa.com/mitologiagrega/. Acesso em 02 Julho de 2013.
- Imagem 10: Disponível em meio eletrônico: www.sabercultural.com/template/pintores/CarracciAnnibale1.html. Acesso em 02 Julho de 2013.
- Imagem 11 e 12: Disponível em meio eletrônico: www.infoescola.com/pintura/michelangelo2/. Acesso em 02 Julho de 2013.



APÊNDICES I E II

Erwin Panofsky



Claudione Fernandes de Medeiros . Gabriela de Oliveira Cancillier
Karenina Cardoso Matos . Pedro Cancela da Fonseca